

ALVORADA

1.º Anno

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 5

Editor,
Dr. Alberto Rodrigues

Redacção e administração
Rua da Republica, 154
GUIMARÃES

Director,
A. L. de Carvalho

Propriedade da Empresa da «Alvorada»

Guimarães, 24 de dezembro de 1910

Administrador,
Rodrigo Pimenta

Officinas de composição e impressão
Typographia Minerva Vimaranesse
R. DE PAYO GALVÃO

Collaboradores effectivos: Dr. Eduardo d'Almeida, Dr. Alfredo Pimenta, Alfredo Guimarães, Mario Cardozo e Jeronymo d'Almeida.

Todas as doutrinas expendidas nos artigos assignados, ainda mesmo sob pseudonymo, são da absoluta responsabilidade dos seus auctores.

A FAMILIA

Muito victoriosamente andou o Governo da Republica consagrando um dia no anno á festa da familia. E os nossos costumes, primeiro inspirados por sentimentos confessionais, depois libertos e tornados pagãos, de tal modo se apoderaram do dia 25 de Dezembro, que não era logico que outro dia se escolhesse para a consagração official dessa festa. A Familia é uma entidade social bem digna de todas as consagrações, isto como da maneira de a considerarmos depende a utilidade ou inefficacia dos nossos esforços tendentes ao desinvolvimento da Humanidade. O individualismo doentio que faz partir as nossas doutrinas sociologicas do individuo, repousa sobre um erro que muito cumpre destruir. O individuo não existe. Biologicamente, o elemento propriamente individual é infinitesimo, se é que, em verdade, algum pode existir. Sociologicamente então, pode affirmar-se que o elemento individual é ficticio. Biologica ou socialmente, o individuo é a resultante de uma longa, indefinida serie de esforços convergentes. Tudo quanto é, tudo quanto representa numa taboa de valores, deve-o á evolução passada e á tendencia já bem caracteristica e cada vez mais caracterizada, da especie em attingir certo ponto no futuro. Todas as nossas concepções sociologicas pois devem partir da primeira, por mais simples e rudimentar, entidade real, a Familia. As entidades que compõem a estrutura da existencia social são, pois, a Familia, a Patria e a Humanidade.

O homem enquanto vive isolado, tem uma existencia meramente biologica, porque é essencialmente egoista. E por muito altruistas que nos apareçam as suas acções, só são aparentemente sociais. Para que o sejam realmente é necessario que o homem faça depender systematicamente a sua vida do organismo que lhe fica immediatamente superior: a familia.

D'aqui decorre naturalmente a conclusão de que para este organismo ser fecundo em bons resultados e sobretudo na acção moral, que lhe pertence exercer, é necessaria uma maxima estabilidade e responsabilidade. Instavel, a familia será esteril, porque não poderão fortificar-se os laços que unem os seus membros. Da responsabilidade espalhada, faltar-lhe-ha o prestigio que só a auctoridade bem exercida e bem evidente pode dar. A necessidade da estabilidade de todas as condições que concorrem para a formação da familia é tão clara, que se sabe serem muito mais poderosos os sentimentos familiares na provincia, nas aldeias, onde pelo mesmo lar passam gerações e gerações,—que nas grandes cidades onde a mudança bi-annual ou annual prejudica grandemente o sentimento moral de unidade e continuidade. Um dos grandes elementos que tem concorrido para a dissolvencia e desagregamento da familia é precisamente esse systema de vida: as mudanças repetidas. Desde o berço ao tumulo, devemos sempre tornar convergentes as nossas acções e procurar-lhes, sempre, o espirito determinan-

te commum, para caracterisarmos inconfundivelmente a familia. Procedendo assim, conseguiremos eleva-la moralmente, tornando-a mais apta a concorrer para o progresso e para o bem da patria. Porque convem notar que todas as nossas aspirações de engrandecer a familia devem ter em vista servirem a Patria. Doutro modo, produzir-se-hia a consagração dum egoismo sui-generis, já existente, aliás, na sociedade portugueza. Se o exagerado amor patrio leva ao chauvinismo guerreiro, o exagerado amor familiar leva a um egoismo baixo. Os tres sentimentos, familiar, patrio e humanitario devem temperar-se mutuamente, conjugar-se. Tal é a doutrina sociologica moderna, a unica capaz de dar o Progresso ao mundo.

Alfredo Pimenta.

O typo do melhor republicano é o exemplar mais perfeito da familia.

ECHOS

A semana

Festa intima, communhão intima, não ha como a festa do Natal... Almas unidas de graça desfiam um rosario de saudades... pelos que morreram, pelos que andam lá longe...

A ceia desliza numa alegria harmoniosa, suave, enternecida, num riso... numa lagrima... numa evocação...

Não ha como a festa do Natal!

Correm as «Boas-festas» pelas ruas, batem á nossa porta, sentam-se á nossa mesa, disfarçados no carteiro, no barbeiro, na lavadeira, etc., etc., sendo estes portadores de felicitações mais ou menos attentos, veneradores, obrigados, — em obediencia ao costume, á praxe, á rotina.

Bemdito seja o Natal com as suas «arvores» os seus «presepios», a sua «cautella de tres», as suas «consoadas», as suas lendas, a sua «missa do gallo», a sua «farpella a estreiar»!

Bem dita seja a festa da familia pelos seculos fóra!

Cartas Litterarias

Menino-Deus

Pela manhã, lá fóra, vóo o vento, gizando curvas, pavoroso na escuridão!... Nos atalhos da aldeia, as caixas fortes rufam, e os bombos atroam, pesados... São as novenas do MENINO! E' o NATAL!... Pingam desoladamente os beirões cheios de hervas... Ha um spasma de ternura!... E logo uma melancolia amorosa invade a gente, perturba a gente, com saudade!...

Tomados do vento, os echos das caixas e dos bombos, como as ondas, ora se aproximam, vibrantes, ora se espalham, enublados!... Ouve-se gemer as arvores!... Na sombra, delicados perfis amigos sugerem-se-nos, esmaltados de graça... Acama-se a chuva miuda nas folhas... E pelas frestas das janellas, como uma luz bruxuleante, a madrugada emprega a sua primeira cor, timidamente, num azul palido e humido...

Ouve-se um sino repicar no echo fundo do valle!...

E, no terreirinho varrido e laçado da aldeia, os soccos rastejam, de gente que passa, apagando o lampião de cebo e que mergulha, vaga, na escuridão do templo. Moças encolhidas, de chales pela cabeça; camponezes de «cachenez» apertado no quixo e de casaco grosso de picotillo; velhas de capota pinhão, comromeira—silenciosas, bufam á luz e desaparecem pela portada soturna... Cór de perola, baço e igual, o ceu revê agua... Andam os bombos pelos atalhos da aldeia. E (da igreja) resoa cá fora um canto, como que de harmonium, e uma loa de vilancico, á mistura com as folhas monotonas dum pandeiro rufado!...

Tempo!... Tempo!... Edade grada da imaginação!... Tempo em que os pastores velhotes, de tamancos ferrados de ovelheiro e zéjinho pardo de saragoca, tocavam gaita gallega e bailavam de devoção ao anteparo do templo. Tempo!... tempo em que os cabritos se divertiam de ouvir o clarinete das modinhas dos autos provençalescos; e tempo delicioso,

tambem, em que o linho de várás, os ovos, as maçásinhas vermelhas e as queijadas frescas de leite virgem (erguidas entre a multidão dos comicos rusticos) iam humilhar-se, poisar na terra, dentro da mangadoira aureolada dum fulgôr estranho de divindade!... Tempo!... Tempo!...

Rufam as caixas; os bombos atroam; o ceu, cór de perola, revê agua...

E' na escuridão azul-cinzenta do dia alvorado que responde de lá dentro, ás «voltas» da novena, o «mote» do canto gallego dos pastores... No terreiro so, esse echo morno dos coros espalha uma vibração melancolica de religiosidade!... Cobre os lameiros, envolve os galhos, difunde a crosta negra da serra, um nevoeiro polar e ondeante... E tersos, ainda, ressoam para leste, nas calçadas, os bombos de romaria que, annunciando a alva gelada de dezembro, annunciam a devoção do MENINO-DEUS... o que sorri nas palhas, sem bragal e sem pintos arrecadados!...

Gelo, nevoa... e os cantos!... Pelos caixilhos do paravento as luzes amarelas da igreja tem um fulgor maravilho e contemplativo... No cemiterio ao lado, os mortos dormem — cobertas de branco as campas, as silvas verdes vergando ao peso d'agua!... Gelo, nevoa, o vento e a solidão!... As arvores vertem as bategas de orvalho!... E subito, na luz indecisa, o terreirinho alegria-se com o povo que sae—coberto nas capotas e de lampião suspenso, rastejando os tamancos grossos do matto...

—Vou-me dar volta ao linho...

—Olhe que manhásinha, louvado Deus!

—Vá, raparigas, tomae caminho...

—Ora vá na graça do Senhor...

—Vou-me lá...

Alfredo Guimarães.

E, porque não queremos ser dos peores, «Boas-festas» damos á grande familia portugueza, a todos quantos filhos communs da mesma patria, da patria sentem os seus anseios de libertação e resgate.

Mal vae...

A maneira como se desceu o panno sobre aquelle caso da «Irmãdade de S. Torquato», francamente o dizemos, não nos agradou!

Quem leu o officio publicado em fundo no «Independente» tinha em boa justiça a esperar outra resolução.

Objectam agora p'r'ahi que tudo estava bem, que não havia motivo para zelos administrativos, etc., etc. Pois havia e ha. O que não era de esperar é que se procedesse neste districto por modo diferente áquelle como, por exemplo, se procede no Porto!

Mas ainda se não de arrependem da bondade excessiva com que olham para certos assumptos.

Já agora cresce em nós o desejo de ver em que param as modas com respeito ás irmandades do concelho e cidade. Já aqui foi dito que muitos livros de contas dessas irmandades estão um caos. Como não de elles regularisal-os, se dumas é conhecida a receita, ignorando-se a despeza, e de outras nem despeza nem receita estão mencionadas desde annos?

Duma irmandade nos informam coisas interessantes—a dos alfaiates: corporação antiga, por certo extinta, existe em deposito numa casa commercial desta cidade uma quantia que lhe pertence, havendo motivos para acreditar que esse dinhelro é uma fracção de bolo maior, sumido talvez por obra e graça...

Não queremos abrir suspeições sobre ninguem — ha muita gente honesta adentro dessas corporações—mas urge, para socegar duvidas e exprimir conceitos exactos, que uma syndicancia se ordene a essas irmandades sem escripta regular e limpa.

O superfluo

As opiparas migalhas daquelle banquete cujo menu e dia a que se consagrou provocaram uma indigestão... de riso, deviam em nosso parecer modesto ser servidas na ceia dos pobresinhos que na noite de hoje, como é de uso, accorrem ao albergue de S. Christim.

Esta resolução viria attenuar o escandalo offerecido á publicidade com semelhante quantidade de pratos (31!) aggravado mais ainda com a evocação de Nossa Senhora da Conceição...

A «Republica Portuguesa», que se referira ao caso rindo do heretico—«Bucho de porco em honra da Immaculada», e o correspondente do «Janeiro», que classificara a paparoca devota de—«Banquete monstro», por certo estarão de acordo conosco... Quanto ao resto, de Roma virá a absolvição. E' melhor.

Jóias da corôa bragançana

Orgulhae-vos senhores monarchistas!

O que se sabe:

Dotações da familia real	10:758:900\$505
Adeantamentos á familia real	2:567:729\$617
Rendas dos paços reais, pagas pelo povo portuguez	1:023:612\$165
Obras nos paços reais	3:142:915\$290
Diversas... e como quem diz	804:465\$157

Ora veja o povo, o povo que trabalha e que vive na miseria, o quanto gastava... fóra o resto, á nação, a familia de Bragança de quem fomos servidores e creados muito obrigados durante quasi tres seculos. Isto annualmente. E tanta gente com fome. Os hospitaes cheios. As prisões cheias de creaturas que a miseria para lá lançou—e o povo, á porta das recebedorias, á espera que façam o favor de receber a contribuição. Triste vida a nossa.

O vicio irmão do crime

A mãe ainda inanimada pelo esforço daquelle parto a sós, agasalhava junto de si o filho, gerado em seu ventre fecundo. Este chorava; choro berrado dos recém-nascidos. O pae encarando de má vizeira a ideia impertinente de uma bocca mais no lar miserimo, fuma com voracidade selvagem, enquanto a creancita chora numa convulsão de tosse.

—Deve ser do cigarro, diz a mãe ao homem que enche o catre dum fumo incommodo e absorvente. Aquelle homem, porém, imergida a razão num vicio que nelle é já uma segunda natureza, olhando numa fixidez spasmodica aquella ideia de *mais uma bocca*, congestiona-se perante o justo reparo da mulher, perde a cabeça... matando mãe e filha, como um louco, recolhendo á cadeia, como um criminoso... chupando sempre um cigarro... como um degenerado.

Teve evidencia este quadro de miseria humana alli numa aldeia junto de Felgueiras. Mas fosse alguém dizer a esse desgraçado que o alimento indispensavel para essa boquita a mais o devorava elle nos gastos dispensaveis do seu vicio—o cigarro!

Muito bem

Em 31 do corrente, realizam os caixeiros na sua Associação de Classe uma festa intima. Houve epochas em que a sociedade vimezanense sabia fazer destas festas.

Hoje... faz novenas e má-lingua.

Productos dos tempos.

Parabens aos sympaticos empregados do commercio que offerecem um exemplo.

Olhos de ver

Ha monarchistas que nos mandam pôr os olhos no que se passa pela Madeira. Fazemos-lhe a vontade e, pelo que vemos, podemos constatar que ainda ha monarchistas bem dignos de *tanga e tapa-rabo*.

A contas

Zé Luciano e seus companheiros prediaes parece que vão principiar a subida do calvario.

Ha quem falle na velhice deste politico evocada como direito á commiseração.

Pois sim: a vossa vontade é cynicamente criminosa, pois que, cobrindo misericordiosamente o reu, não fazem justiça ás suas victimas.

Leva ávante

O Centro Democratico Vimezanense é constituído com gente... pratica. Já batem amistosamente no hombro de amigos influentes, já vão promettendo o seu *desinteresse* pelo interesse dos outros, já, finalmente, se *apropinquam* para ter orgão na imprensa. Gente damnada, gente dum canello!

Quem o havia de dizer... tão devotados aos sagrados principios... da vidinha! Quem o havia de dizer!

E' pena!

A Assembleia Vimezanense toca a finados. Passou de muletas para uma casa do Toural, a ver se novos ares lhe insuflavam nova vida, mas... derreia cada vez mais.

Falla-se nesta coisa; simplesmente porque nos faz tristeza a ideia de que em Guimarães não ha uma collectividade onde uma creatura bem organizada procure o contacto, o convívio, a associação com os seus conterraneos dignos e dispostos a esta acção de sociabilidade — que tanto nobilita e engrandece o espirito social das cidades irmanadas com a civilização.

Justiça

O governo Provisorio da Republica acaba de decretar no «Diario do Governo» de hontem que os juizes da Relação de Lisboa que intervieram no accordo acerca da responsabilidade dos dictadores franquistas sejam afastados para a Relação de Nova Gôa.

Na verdade seria cobardia admitir-se que os juizes pretendendo absolver os dictadores das bur-las commettidas, invocassem as leis da monarchia e quasi declarassem irritado e nullo o decreto bannindo a familia de Bragança por não ter a sancção de D. Manoel.

O relatorio que acompanha o decreto acima citado, é uma obra de alto valor mental, social e patriótico.

Os que defendem ainda o regimen expulso pelo povo portuguez em 5 de outubro, devem ler o relatorio para verem como o governo justifica claramente os motivos de ordem juridica e, mais do que isso, de alta significação patriótica, que o levaram a mandar para Nova Gôa os monarchicos juizes da Relação de Lisboa. Se até aqui, a Republica Portuguesa tem sido a mais generosa que a Historia aponta, que essa generosidade não redunde em fraqueza.

Boatos

Continuam certos e determinados logistas, pitorescos como sempre, de face rubicunda como sempre, a propalar boatos terroristas.

Recommendamos novamente e com a urbanidade, que para os outros é descortezia, a todos os falsarios que perturbam a paz nacional, que reparem no perigo que estão correndo.

E' a segunda vez. A' terceira... publicamos-lhes os nomes.

O NATAL E A RELIGIÃO

Nesta epocha positiva e scientifica em que vivemos, a passagem do Natal pôde haver tomado, para muitos, um caracter, uma significação inteiramente isenta do preconceitualismo religioso, para representar apenas a celebração intima e pagã da festa familiar.

O certo é que esta data, considerada no facto inicial que a marcou e lapidou atravez dos seculos, nos lembra, ainda hoje, o nascimento dum Homem superior e redemptor, dum revoltado, dum esperançoso, dum justo.

Analysando e discutindo esta personalidade ideal, os estudiosos e os eruditos, que se dizem libertos de sentimentalismos, concluíram uns que esse apostolo do Bem não existiu, outros que, se existiu, foi um louco. Um louco sim, diríamos, não um desequilibrado pathologico mas um ingenho, um simples que souhou exterminar o mal, purificando as almas, unindo e alevantando os corações.

Mas que nos importa mesmo que esta figura evangelica tenha ou não existido, desta existencia transitoria e rapida que é a vida do homem sobre a terra, se existiu e ficou um alto symbolo moral? Christo representando apenas a humanização, a forma palpavel e objectiva de toda a aspiração de bondade e amor e paz universal nem por isso tem uma existencia menos definida em nosso espirito. A sua vida como homem é, talvez, secundaria e duvidosa, mas como ideia feita Verbo, feita luz e belleza é primacial e inteiramente verdadeira, real e grande.

E' sob esta concepção e interpretação do Christianismo que nós podemos explicar e admitir que sabios e verdadeiros genios como Newton, como Ampère, Pascal, Cauchy, Virchow e outros, litteratos como Huysmans, pensadores como Tolstoi, poetas como Anthero e Junqueiro tenham sido christãos.

A santidade encarada não como a charlatanice milagreira mas como a revelação do alto sentimento de amor humanitario que animou um espirito merece o nosso amor e o nosso respeito; santos foram Socrates ou Platão, Hugo ou Francisco d'Assis. Quando este ultimo comprava as aves captivas para as soltar á liberdade, incutia assim nas almas a união das elevadas ideias moraes com o amor da natureza.

Tão profunda admiração nos desperta o homem que é levado á morte pelo amor da sua honestidade e da sua consciencia, seja o christão lançado aos leões, seja o anarchista decepado na guilhotina, como admiração nos merece o sabio investigador que, em seu laboratorio, é victima da verdade scientifica que descobriu. Em ambos se agita a ideia grandiosa da redempção humana!

A religião destacada do parasitismo dogmatico, dos mythos, preconceitos, exteriorisações e idolatrias grosseiras, deixando apenas a essencia espiritual, a ideia purificadora que redime pelo amor e pela bondade, a moral que ensina a fazer aos outros todo o bem que para nós desejariamos, —a religião assim comprehendida podemos acceitá-la, sem temer agrihhoar a Verdade, a Sciencia ou o Progreso porque, neste caso, ser religioso é, simplesmente, ser bom, ser humano e ser justo.

Isto eu penso, isto eu digo.

Mario Cardozo.

Pela instrucção

(Continuação)

Portugal, este berço de heroes, este bello paiz á beira mar plantado, no dizer de A. Herculano, com perto de 9 seculos de servidão monarchica e 5 de escravidão jesuitica, não tem progredido intellectualmente como era de esperar dum povo assaz intelligente, mas votado ao ostracismo por aquelles que tinham o dever de o impulsionar na senda do Progreso.

A ignorancia foi em todos os tempos o amor da tyrannia; portanto, o portuguez ignorando os seus deveres, não podia igualmente fazer valer os seus direitos. E que direitos poderia evocar esse desprezado se nem possuia a propriedade da sua mesma pessoa? Sujeito á gleba nos primordios tempos da monarchia, todo o seu producto era propriedade do Senhor, que até lhe expropriava a mulher e as filhas, no seu direito feudal. Escravo de corpo e pensamento jámais tentou avançar um passo, além do limite traçado pelos antepassados. Os mesmos monarchas e grandes da Côte, embebidos na conquista do territorio peninsular, não lhes sobejava o tempo para se entregarem aos estudos, muito limitados até então, por via de regra menos ainda se curava de instruir as classes baixas.

Foi assim, ignorante e bestializado que o veio encontrar a brilhante epocha das descobertas africanas, apanagio de meia duzia de favorecidos pela Fortuna do nascimento, que desde logo os tornou independentes e aptos a con-

cretisarem os conhecimentos mais elevados.

Até essa epocha e muito além ainda, o ensino popular era um mytho; tão sómente os filhos segundos das casas nobres que se abrigavam nos conventos, afim de conservarem o brilho e importancia do Primogenito, se dedicavam, por distração, ao cultivo das letras.

Para as grandes descobertas e luctas heroicas que em plena Renascença se levaram a cabo, e que nos deram o primeiro logar no consenso das nações, o povo sómente contribuiu com o seu braço e o seu sangue, mas jámais com o seu cérebro. A ignorancia, o fanatismo e a superstição eram quasi um symbolo dos portuguezes; assim foi que o Venturoso rei D. Manuel commetteu o enorme, o indesculpavel erro de expulsar dos seus domínios essa phalange de trabalhadores industrioses—os judeus.

Na India, os Conquistadores, embriagados com as victorias seguidas, auctoritavam, se não a secundavam, como D. Duarte de Menezes, a soldadesca brutal á consumação das maiores crueldades, chegando a conduzir creanças espetadas em chuços, como trophes das suas victorias, sendo apenas a demonstração da sua bestialidade e ignorancia.

E que maior prova de ignorancia pode dar um povo que consente o estabelecimento dum Tribunal sanguinario, como esse da Inquisição que, a pretexto de depurar as almas christãs, lhe vae torturando os corpos?

Toda a indignação é pouca para execrar á torva memoria de Torquemada e D. João 3.º, introductores em Portugal desse infame e iniquo meio de salvar almas.

Esse Tribunal sanguinario difundido pelas principaes cidades do Paiz, incutia o terror preciso para atrophiar aquellas intelligentes vontades que se lhe tentassem oppôr, vontades que, sujeitas á jesuitica educação ministrada ás classes elevadas, definhavam estereis, accumulando assim as trevas cada vez mais densas da ignorancia popular.

Dir-me-hão que, não obstante, muitos nomes illustraram as letras patrias; mas, aí de nós e da nossa independencia se aqui ou além não houvesse quem reagisse a essa oppressão.

O certo é que nunca do povo surgia iniciativa de vulto e que, esses celebres varões da nossa Historia são na sua quasi totalidade filhos das classes favorecidas.

Houve é certo jesuitas de fama dumia intelligencia e saber superiores, como P.º Antonio Vieira, José d'Anchietas e Francisco Xavier, mas esses mais serviam os interesses da Companhia do que propriamente os do Paiz.

Até o reinado de D. José 1.º ainda não tinha havido quem lançasse olhos compassivos para a massa popular, no intuito de a chamar ao convívio da illustração.

Coube essa tarefa heroica ao eminente homem de Estado que, oriundo do povo, lhe appreciou as aptidões e, o que é mais, lh'as aproveitou, fornecendo-lhe, ainda que um reduzido numero, as primeiras escolas populares, subsidiadas pelo Estado.

Sebastião José de Carvalho e Mello, esse grande vulto de Estadista, não contente em dotar o Paiz com os primeiros elementos instructivos, honrou os seus encarregados com o titulo de *professores regios*, o que representava, ao tempo, uma notavel distincção.

Continúa.

EM FOCO...

dá foste á missa?...

Meio-dia de domingo, á hora da missa em S. Francisco.

O sol, depois de intermináveis semanas, rompera em luminosidades coruscantes as pardacentas nuvens outonícas, no pregão apothético da luz. O azul é lavado e fresco. Da Penha corre uma balsâmica viração que sabe a resinas e a musgos.

As casas parecem espreguiçar-se ao sol, indolentemente, e as janellas estão todas abertas.

O marmore da estatua alveja, e das letras gothicas escorre um fio cõr de bronze. Andam pomboas voando ao pé do Octogono, sacudindo as brancas azas empoeiradas de reflexos doirados.

Nas vitrines expõem-se «projectos de bandeiras nacionaes,» e, tristemente, nenhum delles nos satisfaz.

O sino da torre está no ar.

A pasmaiceira habitué ás portas do café e visinhanças — cortando com thesouras de finos gumes.

—Que bello dia! Haverá musica? — exclamam uns.

Em vistosas toilettes d'inverno, talhe Imperio, enormes chapéos d'azas, passam as primeiras damas.

A má-língua:—Vestidos novos. Hoje em dia não se pode casar, vai-se o dinheiro nos chapéos. E' necessario um bom dote... Bem faço eu: solteirinho!

Ha risos, ironicos commentarios que se propagam de bocca em bocca, finos como picadas de alfinetes.

As damas passam estranhas a esta critica mordente, na altivez apparatusa dos vestidos caros, agasalhando-se nas pelles de lontra, indifferentes aos olhares que as fulminam.

Outra voz:—Infallíveis...

Passa agora uma de saia *travadinha*, bem cingida nos quadris, resaltando as fôrmas.

—Se me casar, não consinto a minha mulher. Aquillo é irrisorio! Se *destravam*, que tombo!...

E' moda. A moda foi sempre, atravez dos tempos, uma tyrannica rainha, dictando as mais caprichosas leis ás suas humildes subditas. O chapéo é funambulesco, o vestido desnuda as fôrmas — é moda.

A moda é sempre bella desde que venha no catalogo das modistas parisienses. Segui-la fielmente, copiando-lhe os moldes e os exageros — eis a unica aspiração das senhoras. Que importa que ella seja ridícula, se é o ultimo modelo! Por isso as damas submettem-se a ella, exhibindo-se que nem manequins de montras. Demais ella tem occultas vantagens, particulares triumphos: facilita o casamento...

E' cerrar os olhos, portanto, deante dos seus dogmas, que ella vence sempre. Se o corpo não é elegante, ella possui a arte de lhe corrigir a plasticidade. O cabello enfraquece, as rugas envelhecem, — procura-a, procura-a sempre, que ella vende todas as drogas, esbanja todos os disfarces!

Que impostora!...

Um trem, puxado a esveltos lações, passa estridulando rapidamente na calçada. Cavalheiros muito respeitadores da religião do Estado (até á data) traduzem no ar grave o cumprimento duma alta obrigação. Mas aquillo, afinal, não é mais do que uma farça, e, por vezes, uma intima conveniencia.

De resto, dentro da igreja, ha varias devoções... — Uns rezam

(com fé?), outros conversam, e ainda outros namoram. Os fieis occupam a grande nave; os cavaqueadores postam-se na capella contigua ao altar-mór, donde não veem o padre, nem a Deus... (ignorando a cõr da capa); e os indiscretos namorados semi-ocultam-se atraz das grades lateraes que circundam os altares. Não ha moralidade, não ha crença, não ha pundonor. E como as nossas patricias só apparecem na missa do bom-tom e, raro, no jardim, servem-se daquella hora os seus apaixonados galanteadores para lhes renderem culto de vassallagem. E' vêr, é vêr á saída da igreja, sobre o passeio em frente,

como elles tomam attitudes romanticas, ares commovidos, expressões estudadas, fazendo desmesuradas cortezias ás gentis damas que vão deslizando triumphantemente... Atravessam, finalmente, os retardatarios que chegam apenas a Santos, porque se esqueceram de que a missa era *ligeirinha*... E por momentos o largo fica deserto, quasi mudo, esperando que os *devotos* voltem, numa onda rumorosa, desde a fina flôr do escol, ás costureiras e tricanas. A alguém que deixou de ir á missa inquirirem os outros gravemente:—Já foste á missa?... Porque ir á missa, entre nós, é, além dum habito chronico, um dever de civildade na vida de cada cidadão, e que noutros se tornou um prazer e um passatempo. Faltar á missa dominicalmente equivale a não lavar a cara, a não almiscarar o lenço para um baile. Isto é a logica delles. Ir á missa, portanto, significa nos actos de cada individuo, um costume herdado e obrigatorio, embora inconsciente. Comtudo, deste acto superfluo algum partido se colhe: namora-se, exhibem-se toilettes, passa-se aos olhos dos outros por uma creatura honesta e sensata. Quem não cumpre este *mandamento* é uma creatura sem nobres sentimentos, sem cotação social. Que a questão não está, afinal, em ter-se um sentimento — está apenas em simular-se que se possui, cobrindo-o com uma capa qualquer, mesmo a capa avelludada dum namoro ganancioso. E' esta a nossa crença e esta a nossa religião — crença de hypocrisia, religião de apparencias. E prega-se moralidade e aconselha-se a doutrina! Então sejamos mais sinceros: não temos crença? — não fazemos da igreja um *rendez-vous* da elegancia. Ainda ha almas mysticas, almas que entreveem um mundo irreal, para o qual se voltam todas os seus ingenuos sonhos e as suas doiradas ambições. Não lhes vamos desrespeitar, com o nosso contacto, os zelos da sua fé e as orações da sua devoção. Não lhes vamos perturbar essa illusão bemdita, maior que a nossa talvez, mas mais ditosa. A religião para esses é ainda uma coisa sagrada, reside pura no fundo das consciencias, e como tal — respeitemo-la. Deixemos essas almas sonhar livremente, que essas não são as que nos offendem e as que nos indignam, — os que nós repellidos são os que se mascaram com o veu covarde duma hypocrisia sorna e um preconceito van, que estão arreigados aos nossos costumes, e nós não temos a hombridade bastante de lhe dar um pontapé.

E é por esta depravada moral

que nós vamos á missa dominicalmente — especializando a do meio-dia, que é a do chic, da moda, dos pergaminhos (mesmo nestes tempos de democracia...)

Dlon... Dlon... Dlon... — Já foste á missa?...

Jeronymo d'Almeida.

Todos os progressos da vida social são uma resultante dos progressos da vida na familia.

NOTICIAS

Propaganda Republicana

«O Dr. Alfredo Pimenta realizou uma conferencia, no domingo passado, nos Arcos do Valdevez.»

No theatro Teixeira Coelho dos Arcos de Valdevez, a convite da Comissão Municipal Republicana daquelle concelho, realizou-se a conferencia publica do nosso querido conterraneo e collaborador sr. Dr. Alfredo Pimenta.

O theatro estava repleto de assistentes e foi uma verdadeira festa republicana, com todo o entusiasmo proprio dum povo que vivendo sempre debaixo do poder dos caciques, applaude com paixão a palavra, a boa palavra da republica, libertadora, emancipadora e sã.

O nosso collega a «Alvorada» dos Arcos, traz na integra a brilhante conferencia que marca mais um triumpho na carreira propagandista do dr. Alfredo Pimenta.

O conferente demonstrou as causas da divisão da sociedade portugueza, a forma como foi recebida a republica, pelo paiz, e falla das *adhesões* analysando-as debaixo do mesmo ponto de vista por que ellas tem sido apreciadas por nós, nas columnas do nosso modesto semanario.

Ataca as *adhesões calculadas* e diz — os monarchicos só podem vir para cá, quando se convencerem de que só valem pelo que são e não pelo que trazem.

Referre-se á dissolução dos partidos dynasticos notando que só ficou de pé, organizado, o partido clerical, a sombra de cuja bandeira se foram *acoitar* todos os monarchicos, todos os socios da fraudulagem brigantina.

E' a reacção clerical, a syntese da reacção monarchica.

Diz mais o conferente que a Republica dá liberdade a todas as religiões e por isso que se limitem os catholicos a pregar a sua doutrina nas suas escolas que não sejam Congreganistas e em templos que não sejam coios, e socegum que ninguem os perseguirá. Serão sim perseguidos com todas as armas os que, calumniando, infamando e tripudiando, arrancam protestos a crianças contra a *pseudo*-obra anti-religiosa do governo. Expõe depois o conferente a sua opinião sobre as grèves que são inopportunas no momento historico que atravessamos, o qual requer paz e socego e ordem para se remodelar profundamente toda a velha engrenagem do degradante regime que nos ia tirando a independencia, o brio e a vida.

A missão futura do partido republicano, merece ao conferente um estudo profundo e umas conclusões magnificas para o bom exito da regeneração nacional.

Para pôrmos em relêvo o que foi a conferencia do nosso amigo,

seria necessario transcrevê-la inteiramente. Daqui damos pois os parabens ao povo dos Arcos pela forma captivante como recebeu e applaudiu o Dr. Alfredo Pimenta, prova evidente da consciencia civica que se vae manifestando no povo duma das mais lindas terras do Alto Minho.

A associação é um principio de solidariedade humana; a familia é a sua primeira manifestação.

Noticias militares

Foi promovido a 1.º cabo, o soldado de infantaria 20.º sr. Alvaro Machado.

—Apresentaram-se de licença disciplinar os capitães, snrs. Afonso Mendes e Alcino Machado.

—Foram concedidas, em infantaria 20, as seguintes licenças: disciplinar, por 15 dias, aos tenentes snrs. Luiz Torquato de Freitas Garcia e Francisco de Lima Lopes; por 10 dias, ao 1.º sargento sr. Antonio José Martins, e por 2 dias ao 2.º sargento sr. Alvaro Martins de Campos; do regulamento de tiro, por 2 dias, ao 1.º sargento sr. Silvestre Barreira e por 20 dias ao 2.º sargento sr. Urias Ferreira Dias Lamego; da junta militar de saude, por 20 dias, ao major sr. Arthur Ferreira Amado e, escolar, por oito dias a todos os soldados recrutas.

A missão da familia é transformar os instinctos do egoismo nos sentimentos altruistas da sociabilidade.

«Alvorada»

Devemos agradecimentos e parabens ao nosso amigo e intelligente artista sr. José de Pina, pelo desenho que fez do cabeçalho do nosso jornal e tão gentilmente nos offereceu.

Republica ideal será aquella que consiga libertar a familia.

Notas da policia

Queixa—Antonio Machado, casado, ferreiro, do logar do Castanheiro, freguezia de Creixomil, queixou-se á policia de que João Alves, o *Arrau*, casado, do logar da Pigarreira, da freguezia de Moreira de Conegos, se introduziu, por meio de chave falsa, na casa do queixoso e lhe furtou tres gallinhas e um cesto com roupa, tudo no valor de 13.000 reis.

Aggressão—Foi entregue ao poder judicial a queixa apresentada por Maria de Jesus Teixeira da Silva, da rua Elias Garcia, desta cidade, contra Joanna Maria de Magalhães, casada, vendeira da mesma rua, por esta a haver injuriado com palavras offensivas.

Furto—Deram entrada na cadeia Domingos Pereira e Joaquim da Silva, de Vizella, accusados de furtar uns alqueires de milho a Maria Pereira de Araujo, viuva, proprietaria, do logar das «Póles» da mesma povoação.

Aperfeiçoar a educação na familia é crear caracteres na sociedade

Aviso ao publico

Levo ao conhecimento de todos os cidadãos que careçam de resolver qualquer assumpto dependente da *Comissão Administradora da Camara Municipal* deste concelho, que deverão, para esse fim, dirigir-se directamente á mesma Comissão e nunca a intermediarios.

De igual modo quando tiverem alguma pretensão dependente da respectiva Secretaria, devem dirigir-se ao empregado a quem compete attende-los, pois que, se essa pretensão for justa será immediatamente satisfeita e não o sendo, deverão reclamar ao presidente da Comissão.

O que fica exposto, traduz a ideia que a Comissão pretende pôr em pratica, de não fazer favores a ninguem, mas sim justiça a todos.

Guimarães, Paços do Concelho, 21 de novembro de 1910.

O Presidente da Comissão,

José Pinto Teixeira de Abreu.

Aquelle que melhor educação ministra a seus filhos é o que melhor serviço presta á Republica.

Flores de Neve

Livro de versos

— DE —

Jeronymo d'Almeida

PREÇO 400 REIS

A venda na *Papelaria e Tabacaria Lemos e nas principaes livrarias do paiz.*

A familia é a fonte de todas as energias intellectuaes, moraes e soçiaes.

Arvore do natal

COM 4.000 PREMIOS

Todos os bilhetes são premiados tendo muitos brinquedos que são de 5\$000, 4\$000, 3\$000, 2\$500, 2\$000, 1\$500, 1\$000, 800, 600, 500, 400 reis, e muitissimos de 200 reis e sorteados podem sahir pelo preço de cada bilhete

100 reis!

Depositario exclusivo dos colletes de espartilho da casa **Santos Mattos & C.** de Lisboa, que tem espartilhos e cintos desde 400 reis até ao melhor e mais luxuoso collete de espartilho para senhora.

SALGADO

Casa de modas

GUIMARÃES

A familia é a cellula organica das sociedades humanas.

ALVORADA

SALGADO

RUA NOVA DE SANTO ANTONIO—GUIMARÃES

DEPOSITO DE LUVAS DE PELLICA

Luvras de pellica brancas, pretas e em todas as côres, para senhora. Luvras de pellica brancas, pretas e em todas as côres, para homem. Ditas brancas, pretas e em côres, para creança. Luvras d'algodão, escocia e em seda para senhora, creança e homem, em branco, pretas e em côres. Luvras d'agasalho para homem, senhora e creança, em todas as côres.

CASA COMMERCIO E INDUSTRIA

FUNDADA EM 1864

AUGUSTO CUNHA & C.^A

27, Rua Nova de Santo Antonio, 29

Armazem de ferragens nacionaes e estrangeiras

Vendas por jũnto e a retalho

Armazem de Lanificios e Tecidos d'Algodão

DE

DUARTE, AREIAS & C.^A

Largo do Tournal, 130 a 132 e Rua Nova de Santo Antonio, 1 a 5

GUIMARÃES

Vendas a preços fixos



Atelier da Moda High-Life

Chapeus para senhora e creança

Exposição permanentemente aberta no 1.º andar

Grande sortido de luvas para inverno

Ultimas novidades

93—Rua da Rainha—97

CARDOSO

TOURAL N.º 102 E 104

A casa que vende mais barato

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assignatura		Preço das publicações	
Anno	1\$200 rs.	Anuncios e comunicados, por linha	40 rs.
Semestre	600 "	Repetição, por linha	20 "
Brazil, anno (moeda forte)	2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.	
Numero avulso	20 "	Anuncios, não judiciaes, para os snrs. assignantes 25 % de abatimento.	

ALVORADA

Ex.^{mo} Snr.

PLANO DE BENEFICENCIA

Apresentado ao Ex.^{mo} Governador Civil
pelo administrador do concelho

Ex.^{mo} Governador Civil
Dr. Manuel Monteiro
Braga

O plano sobre a beneficencia do concelho, que tenho a honra de submeter á necessaria aprovação de V.^a Ex.^a, não foi agora improvisado por me lembrar a urgencia de proceder á distribuição do pouco dinheiro recebido, mas é sim determinado pelo estudo reflectido do problema a que me dediquei logo que me investiram neste lugar. Variamente, na monarquia, se protestara contra a forma por que era consumido o *dinheiro dos pobres*, atingindo por vezes a questão um aspecto grave. Não vou ressuscitar a inoportuna mente nem investigar os fundamentos das largas polemicas que se travaram. O haver-se discutido irritantemente o *caso da beneficencia* preveniu-me do cuidado com que devia orientar-me.

Em geral o dinheiro da beneficencia distribuia-se aos pobres e não pela pobreza. Dava-se em esmolas e não em beneficio colectivo. Logo que por uma porta da administração entravam algumas irmandades com a receita da beneficencia, a todas as portas afluíam pedintes de natureza diferente estendendo na mão sôfrega um amargurado requerimento. Julgo que se metiam empenhos. Uns allegavam que eram irmãos de vinte irmandades, outros exibiam os seus aleijões, — e todos voltavam, periodicamente, de dias em dias, manifestando em lagrimas a sua miseria quando não solicitando ansiosamente — *um pequeno adiantamento por conta da beneficencia*.

Nesta forma de distribuição eu vejo uma injustiça profunda e graves inconvenientes. Injustiça profunda porque o dinheiro servia os *interesses particulares* de alguns pobres e não os *interesses gerais* da pobreza. Os graves inconvenientes, derivando naturalmente da injustiça fundamental, appareciam com a desigualdade da esmola dada a uns e outros e na escolha dos contemplados e dos não contemplados. Por simplez curiosidade menciono a V.^a Ex.^a o seguinte facto: num caderno da distribuição de beneficencia encontrei na relação da despesa paga pela verba de beneficencia — a dois actores: 5.000 reis, a um rapaz 7.000 reis, sem mais designação alguma! Quem eram os actores, quem era o rapaz? Pessoas muito carecidas talvez, mas ignoradas.

Se já estas razões me conveniam a organizar um outro methodo para a distribuição da beneficencia, no estudo da miseria no concelho encontrava a indicação segura dos principios a que devia atender.

Falei da miseria no concelho, e se me não julgasse obrigado a poupá-lo a comoções violentas, com facilidade, descrevendo puramente algumas das scenas de amargura e degradação moral a que tenho assistido no exercicio do meu cargo, o levaria a sentir na mais tocante realidade como ella se alastra e com que intensa e desordenada força está actuando. Infelizmente não é possível dar-lhe remedio prompto e eficaz. Procuremos todavia, humanamente, atenuar a determinando-nos para os dois polos da vida — a infancia e a velhice. V.^a Ex.^a bem sabe quanto é verdadeira a lei biologica da extraordinaria proliferação dos pobres. A miseria é essencialmente reproductora, no ponto de vista biologico e sob o aspecto social. Os filhos dos pobres são as centenas. Entre as varias formas que a desgraça reveste ha uma atracção poderosa e todas irradiam com acelerada violencia. Percorrendo a cidade e concelho verifica-se facilmente como é grande a triste legião dos filhos dos pobres. Há-os por toda a parte, cercando a cadeia onde estão presos a mãe e o pai, vindo á esquadra da policia mendigar um caldo, assaltando as ruas, fugindo pelas estradas, escondidos nas barras dos lavradores, sujeitos, errantes, desconhecidos. Não são apenas propriamente os abandonados por serem orfãos; são os abandonados pela miseria.

—fome dos pais, os que fogem á miseria—degradação, os filhos dos lavradores que não podem roer por muito dura a negra còdea, os filhos dos operarios que vivem encarcerados no trabalho o dia inteiro, todo o anno... Começam roubando ninhos, passam a roubar uvas, depois uma roupa estendida a secar, um dia vem em que furtam uma galinha. A acção da justiça é certa para estas criaturas: vão para as cadeias donde saem mestres na arte de viver na ociosidade e no crime. Pobres crianças! Constrange o coração mais duro vê-las por aí perdidas, cerebros que se inutilizam, braços que entorpecem, corações que nunca sentirão o impulso forte do amor. Hoje mesmo recolhe ao hospital de S. Marcos uma rapariga, cuja historia é breve e symptomatica. Fugiu de casa aos 7 annos. Vadiou, pediu, roubou. Um dia, ignora se já tinha 12 annos, num monte, um homem que passava agarrou-a, passou-lhe a mão pela cara, numa festa de tigre, e... deu-lhe um modo de vida. Vivia num quarto alugado, sob a vigilancia da policia. Sai hoje para o hospital com syphilis. E o cemiterio não fica longe. Misérias!

O outro dia, no centro da cidade (a que já em figura de retórica ouvi chamar *o coração da terra*) uma mulher corria afflicta, berrando e gesticulando como doida. Saira de casa para lavar uns trapos no riacho do Campo da Feira. Deixara em casa, na cama, a dormir, uma filhinha. Mas a pequena acordara, dera uma volta, caíra e quasi morria afogada. Onde? No grande charco de agua immunda que havia no quarto, debaixo da cama. Misérias!

Como primeira parte do plano geral de beneficencia, proponho a criação dum:

Asylo profissional de crianças abandonadas

Neste asylo deve integrar-se, sofrendo portanto as modificações necessarias, o actual «Asylo d'infancia desvalida de Santa Estephania Amor de Deus e do Proximo», cujo regulamento interno foi aprovado em assembleia geral de 21 de dezembro de 1885. Fôra estabelecido para os dois sexos, mas, não posso dizer agora quando nem porque, passou a albergar somente raparigas. Com o decreto de 8 de outubro sobre congregações religiosas foram obrigadas a retirar do asylo, onde exerciam o professorado e dispunham completamente da educação das internadas, cinco religiosas pertencentes á ordem de S. José de Cluny. Tem sido objecto de censuras diversas o procedimento adoptado pela Commissão Administradora daquelle asylo em admitir apenas raparigas, como disse, não cumprindo assim o regulamento que, convem esclarecer, está na maioria das suas disposições revogado de facto. Não vou occupar-me do caso. Mas do meu plano faz parte: a admissão de crianças dos dois sexos mas em estabelecimentos separados. Defender a separação dos estabelecimentos para os sexos implicaria porventura uma discussão theorica que julgo desnecessaria aqui. A promiscuidade é posta de lado neste plano por ter a experiencia suficientemente demonstrado ser altamente nociva entre moços que podem ser tarados ou que são viciosos. E tenho commigo os melhores autores modernos (refiro-me em especial a hygienistas) que se dedicaram ao assumpto. O Asylo de Santa Estephania ficaria sendo a secção do *Asylo profissional de crianças abandonadas* destinada ao sexo feminino. E para o sexo masculino proponho a V. Ex.^a, no caso de aprovar este plano geral, solicite do Governo a cedência do Convento das Capuchinhas que pertence ao estado.

Deixarei esboçado nos pontos essenciaes, basicos, o regulamento geral do Asylo, apontando finalmente as medidas a tomar para real execução deste plano.

Admissão

No asylo se admitirão internados (su-

mero de internos em conformidade com os rendimentos) os menores de ambos os sexos do concelho desde os 5 até os 16 annos, que fossem encontrados abandonados ou requersem a sua entrada, quando estivessem nas condições dos n.^{os} 1.^o a 8.^o do art.^o 2.^o do humanitario decreto do Ex.^{mo} Ministro da Justiça de 1 de janeiro e que trata da protecção ás crianças.

Instrução e educação

O Asylo profissional daria a cada internado o curso primario official completo, apresentando os alumnos aos exames. Os rapazes seriam todos obrigados a trabalhos praticos de agricultura e jardinagem (aproveitando-se para o effecto a cerca e terras pertencentes ao Convento das Capuchinhas) e, conforme as aptidões que manifestassem, a frequentar na *officina geral de trabalho* um curso de encadernação, chapataria, alfaiataria ou marcenaria. As raparigas seriam todas obrigadas, por escala, aos serviços domesticos do asylo (secção feminina) varrendo, lavando, cosinhando, indo ás compras em companhia da pessoa encarregada de as fazer; frequentariam tambem, obrigatoriamente, a *officina geral de trabalho* aprendendo a costurar, bordar, engommar etc., de forma que saíssem habilitadas a terem um modo de vida, *compativel com o sexo*, e a serem boas donas de casa. Numa e noutra secção do asylo seria tambem obrigatório — o *curso de desenho* e o *canto*, dando-se tambem, por meios praticos, noções gerais de hygiene e procurando desinvolver, com a individualidade propria, o amor do proximo, fortalecendo o caracter com o trabalho contra as desgraças da vida e preparando o coração a fructificar no affecto, no carinho, na dedicação.

Fundos

Para que este plano tenha execução peço a V. Ex.^a obtenha do governo a cedência do *Convento das Capuchinhas* com todos os *rendimentos que actualmente lhe pertencem e venham a pertencer* por terem sido doados ou legados, sob qualquer forma, áquella extincta congregação religiosa e que ceda tambem, como já em outro officio pedia a V. Ex.^a, as tres inscripções da divida interna fundada ao juro de 3 por cento que estavam averbadas no extincto *Recolhimento do Anjo* bem como todos os rendimentos que a este pertenciam. E assim pudíamos desde já estabelecer como fundo de receita:

para a secção destinada ao sexo masculino:

- a) rendimento do Convento das Capuchinhas;
- b) rendimento do Recolhimento do Anjo;
- c) a inscripção n.^o 3:034 do valor nominal de 500:000 reis da divida interna fundada, que estava averbada ao mesmo Recolhimento;
- d) uma quota da beneficencia das irmandades do concelho;
- e) uma parte do dinheiro das irmandades do concelho que viessem a dissolver-se ou que ha alguns annos se tenha considerado como perdido pelas mesmas irmandades se terem dissolvido illegalmente;

para a secção do sexo feminino:

- a) rendimento do Asylo de Santa Estephania;
- b) as duas inscripções n.^{os} 135449 e 168895 do valor nominal de 100:000 reis cada, da divida interna fundada, que estavam averbadas ao Recolhimento do Anjo;
- c) uma quota da beneficencia das irmandades do concelho;
- d) uma parte do dinheiro das irmandades do concelho que viessem a dissolver-se ou que ha alguns annos se tenha considerado como perdido pelas mesmas irmandades se terem dissolvido illegalmente.

Não é muito, bem o sei, mas não falei ainda na beneficencia com que por certo concorrerão as Juntas de Parochia sobretudo da cidade nem na generosidade dos habitantes ricos do concelho. Reconhecendo-se, na verdade, que

assim se procura realmente tornar publica a beneficencia, sem receio de sofismas e terminando de vez com o *favoritismo das esmolas* por meio da administração, julgo que não faltarão, porque bem conheço os sentimentos caritativos de muitos, avultados auxilios e dedicacões uteis e desinteressadas. O Código Administrativo de 6 de maio de 1878, actualmente em vigor pelo decreto com força de lei de 13 de outubro de 1910, confere ás Juntas de Parochia largas attribuições como commissões de beneficencia (art. 165). Não é consequentemente mera adjectivação o dizer-se que podemos contar com o seu concurso porque a melhor forma ainda de atenuar a mendicidade é reprimila dando pão aos que tem fome e educação aos ignorantes, sobretudo na idade em que podem ainda, e devem, prestar serviços á sua patria e estão em condições de se poderem tornar bons cidadãos, constituindo familia, trabalhando e dedicando-se pela sua terra. E sob este ponto cumpre-me terminar propondo a V.^a Ex.^a me consinta que distribua a beneficencia arrecadada (608. 810) até hoje da seguinte forma:

250.000 reis para a remodelação do Asylo de Santa Estephania em conformidade com o proposito;

250.000 reis para fundo da secção do Asylo Profissional destinada ao sexo masculino.

O restante pelos pobres (abrindo assim um periodo transitorio) conforme a relação que vou organizar.

Alarguei-me, embora não tenha gasto senão as palavras necessarias, mais do que seria para descejar atendendo a quanto devo respeitar o tempo de que V. Ex.^a dispõi. Serei mais breve, porque felizmente o posso fazer, na segunda parte do meu plano que diz respeito á velhice. Como V. Ex.^a comprehende refiro-me áquella velhice que não tem... nem abrigo, nem consolo, nem pão. Simplezmente, permita-me V. Ex.^a a ousadia, este facto bem sabido, tam conhecido e vulgar de andarem pobres velhinhas e velhinhos abandonados, errantes pela neve dos caminhos, dormindo como vadios ao frio do luar nas estradas desertas em que já adormeceu a ultima canção, como um imperdoavel crime dos homens. E não sei mesmo como explique porque, sendo todos *filhos*, assim tantos pais e avós, que levaram vida negra de trabalho, que deram porventura aos descendentes todo o calor do sangue e todo o trabalho dos musculos, andem para aí de rastos no pó dos caminhos, agarrados á saudade, rotos e famintos, nos olhos a luz que se apaga e na alma a noite escura como se fosse na propria alma, escura e gelada, que enterrassem a vida que algum dia tiveram.

Ao lado da igreja de S. Payo, que fica tambem no *coração da cidade*, ha uma caverna immunda. Ali não entra ar, nem se vê luz. Quem passa não advinha que lá dentro vive gente. Um cão uivaria plangentemente se o prendessem ali duas horas. Deve ser um pedaço da noite, de infecção e de miseria com umas telhas e uma porta. Chamam-lhe um *albergue* e ali se encerraram, jubilosas, algumas pobres velhinhas. Um dia em que, da porta, examinei aquelle tristissimo *despejo* da desgraça, as esqueleticas e negras criaturas ergueram as mãos julgando que ia expulsá-las! Parte dum muro da casa, se posso dar o nome de casa a essa toca, caiu em ruínas e tudo aquillo ameaça a hygiene publica. Pois creia V. Ex.^a que se metem empenhos para serem ali recolhidas as velhas. Misérias! Uma vez o regedor de Brito procurou-me ansioso dizendo que, lá n'aldeia, sob um coberto de palha, estava agonizando, havia dias, um octogenario. Não tinha pão, mas tinha filhos grandes, já casados, com seus rendimentos. Haviam-no desprezado. Toda a gente que passava na estrada via o velho a morrer

sob o coberto de palha, á chuva implacavel do ultimo novembro. Que o trouxessem num carro para o hospital. Quando se preparavam para o conduzir, o velhinho morreu, a dois passos talvez da casa em que os filhos comiam regaladamente o seu caldo e bebiam contentes a sua pinga. Misérias!

Nós temos deveres para com a velhice a que não podemos fugir.

Na segunda parte deste meu humilde plano entra naturalmente a criação dum

Hospicio de velhos

E desde já advogo a ideia de que deve ser estabelecido em S. Torquato. E' anti-humano prender, como geralmente se faz, os pobres velhinhos nesses *asylos penitenciaris* donde saem raramente e em fila como colegiais. A velhice necessita de bom ar, campos, agua pura, a fresca sombra das arvores, o socego da aldeia, na paz e ventura do entardecer da vida. E ali ficariam as boas creaturas excellentemente. Sam muito razoaveis as condições hygienicas, facil a communicacão com a cidade. Teriam a festa para se divertirem e receberiam a visita amiga dos forasteiros. Depois, segundo este projecto, como fundo para a criação e sustentação do asylo devia aplicar-se a verba de beneficencia com que a irmandade de S. Torquato deve concorrer (e não tem concorrido...) sendo consequentemente justo que tivesse o direito de ali internar um certo numero de irmãos, nunca com o privilegio de ficar o hospicio somente para esses: porque a verba destinada á *beneficencia publica* e não á *beneficencia da irmandade*. Mas o que é indispensavel, consinta V.^a Ex.^a que mais uma vez o afirme na minha correspondencia official, é que a irmandade de S. Torquato dê para a beneficencia o que deve e não o que quer dar por sua alta recreação. A decima parte de toda a receita (esmolas comprehendidas) e não a decima parte duma receita a que deu por bem lhe parecer e — *illegalmente* — o nome de ordinaria!

Proponho a V. Ex.^a que ao *Hospicio de Velhos* seja destinada como receita:

- a) as inscripções compradas pela irmandade de S. Torquato, em conformidade com o alvará do Governo Civil de 4 de maio de 1907, com a verba que era destinada á beneficencia publica, averbando-se convenientemente para este effecto mas — *desde já* —, e todos os juros;
- b) a quota legal de beneficencia com que a irmandade de S. Torquato é ou vier a ser obrigada a contribuir para a beneficencia publica;
- c) uma quota da beneficencia das irmandades do concelho;
- d) uma parte do dinheiro das irmandades do concelho que vierem a dissolver-se ou que ha alguns annos se tenha considerado como perdido pelas mesmas irmandades se terem dissolvido illegalmente.

A todas as irmandades que actualmente sustentam asylos de entrevados é licito:

- 1) concorrer para a fundação deste Hospicio com os rendimentos de qualquer natureza que applicam á sustentação de entrevados;
- 2) com o direito de fiscalisacão no Hospicio e o de ali internarem os entrevados que actualmente tem a seu cargo e sempre um numero de entrevados por ellas apresentados e que será proporcional com os rendimentos com que concorrerem annualmente para as despesas do Hospicio. Quer dizer: praticam a mesma catidade, com os mesmos direitos e com menos trabalho.

Espero de V.^a Ex.^a a approvação deste projecto não só para a distribuição da beneficencia como para lhe apresentar a proposta duma Commissão encarregada de o executar.

Guimarães, 5 de janeiro de 1911.
Saude e Fraternidade.

O administrador do Concelho,

Eduardo d'Almeida